

Historiografia urbana no IV Centenário do Rio de Janeiro: Coleção "Rio 4 Séculos" e as representações da cidade

Brenda Regina Braz Leite

Orientador: Profa. Dra. Flávia Brito do Nascimento (FAU-USP).

Pesquisa: Iniciação Científica, bolsa FAPESP, FAU-USP, out. 2017-18.

Este artigo pretende analisar as representações historiográficas do Rio de Janeiro em 1965, ano de comemoração de seu IV Centenário, a partir da coleção "Rio 4 Séculos", publicada em homenagem à cidade. Tal ano foi marcado por uma série de eventos que resultaram na maior e mais abrangente celebração da história do Rio até então. Realizou-se vasta produção historiográfica nesse contexto histórico: inúmeros jornais e livros representaram, engrandeceram e celebraram os 400 anos da cidade, relembrando sua jornada de quatro séculos. Com isso, o intuito é revisar parte da

produção historiográfica contemporânea ao IV Centenário e problematizar quais histórias estavam sendo escritas e de que maneira elas repercutiram neste Rio de Janeiro que se transformava. Em um período político e social conturbado pelo primeiro ano do regime militar brasileiro e pela recente perda do título de capital federal para Brasília em 1960, resultando na criação do Estado de Guanabara, além do fenômeno da urbanização acelerada, busca-se compreender o que se queria representar e relembrar, qual Rio de Janeiro e qual história urbana foram celebrados em 1965.

Palavras-chave: história urbana; IV centenário; Rio de Janeiro.

Urban historiography in the IV Centenary of Rio de Janeiro: Collection "Rio 4 Séculos" and the representations of the city

This article analyzes from the collection "Rio 4 Séculos" the historiographic representations of the city of Rio de Janeiro in 1965, the year that Rio's IV Centenary was celebrated. This year was marked by a series of events that resulted in the largest and most comprehensive celebration of the history of the city until then. Vast historiographical production was produced in that historical context: numerous newspapers and books represented, magnified, and celebrated the 400 years of Rio, reminding the city's journey. This article aims to revise part of the historiographic production contemporary to the IV Centenary and discuss the stories that were being written and in which way they reverberated in that Rio de Janeiro that was going through a huge transformation. The 1960s were a particularly troubled political and social period in Rio de Janeiro due to the establishment of the military regime in 1964, and the recent loss of the title of federal capital to Brasília in 1960. Besides that, there was an accelerated urbanization taking place. We seek to understand what kind of Rio de Janeiro one wanted to represent and remember, and which urban history was celebrated in 1965.

Keywords: urban history; IV centenary; Rio de Janeiro.

Historiografía urbana en el IV Centenario de Río de Janeiro: Colección "Rio 4 Séculos" y las representaciones de la ciudad

Este artículo pretende analizar las representaciones historiográficas de la ciudad de Río de Janeiro en el 1965, año de conmemoración de su IV Centenario, a partir de la colección "Rio 4 Séculos", publicada en homenaje a la ciudad. Dicho año fue marcado por una serie de eventos que llevaron a cabo a la mayor y más amplia celebración de la historia de Río hasta entonces. Una vasta producción historiográfica fue producida en ese contexto histórico: inúmeros periódicos y libros representaron, engrandecieron y celebraron los 400 años de la ciudad, recordando su jornada. Con eso, el propósito es revisar parte de la producción historiográfica contemporánea al IV Centenario de la ciudad y problematizar cuáles historias estaban siendo escritas y de qué manera ellas han repercutido en ese Río de Janeiro que se transformaba. En un período político y social conturbado por el primer año del régimen militar brasileño y por la reciente pérdida del título de capital federal para Brasília en 1960, resultando en la creación del Estado de Guanabara, además del fenómeno de la urbanización acelerada, se busca comprender qué se quería representar y recordar, cuál Río de Janeiro, y qué historia urbana fue celebrada en 1965.

Palabras clave: historia urbana; IV centenario; Río de Janeiro.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como escopo compreender o que estava sendo produzido e contado sobre o Rio de Janeiro em 1965 através da historiografia contemporânea ao momento que a cidade completava quatro séculos de existência e pretendia não apenas comemorar tal data, mas celebrar seu IV Centenário (TURAZZI, 2014). A análise de documentos textuais se configura como atividade central na tentativa de apresentar alguns resultados e reflexões para além da historiografia do Rio de Janeiro em 1965, a fim de ser uma contribuição para a área de História Urbana e para as reflexões de seus instrumentos metodológicos. Busca-se compreender a produção da história das cidades, bem como suas formas de análise e entendimento, atentando para os efeitos dessa história na sociedade e a forma de assimilação da memória como agentes na construção de identidades. Analisando o momento em que a história do Rio de Janeiro é fortemente relacionada com a história nacional devido a sua capitalidade de quase 200 anos, a perda de tal título fez com que a cidade tivesse que redefinir sua identidade. Assim, procura-se entender esse processo através da produção historiográfica realizada em razão das comemorações do seu IV Centenário.

O ano de 1965 foi particularmente especial para o Rio de Janeiro. O futuro da cidade, devido à transferência da capital federal para Brasília, estava incerto desde o final da década de 1950. Os primeiros anos do governo Lacerda haviam sido de investimento sistemático na consubstanciação do Rio de Janeiro como área "modernizada". Houve a perda de importantes símbolos políticos para a cidade com tal mudança (NASCIMENTO, 2014), mas o Rio de Janeiro, além de capital federal por quase dois séculos, foi também, até 1950, a cidade mais populosa do Brasil, atuando como modelo para as demais urbes brasileiras (ABREU, 1987). Ou seja, o Rio de Janeiro não só não era "qualquer cidade", como não aceitava ser visto como tal, mesmo sem o título de capital (MESQUITA, 2010). É dentro deste contexto histórico, de busca pela redefinição e reafirmação de sua identidade, que se

dão as comemorações do IV Centenário da cidade do Rio de Janeiro.

Vasta produção historiográfica e cultural, reportagens e eventos sobre o IV Centenário circularam no cotidiano da cidade e de sua população; diversos livros acadêmicos e didáticos sobre sua história, poemas e artigos de jornais foram lançados em 1965. Houve um *boom* de publicações historiográficas nesse ano, popularizando sua história urbana e trazendo o passado do Rio de Janeiro para o presente, para o cotidiano do carioca. O Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) publicou neste ano uma série de artigos para legitimar e justificar através de documentos a data de 01 de março de 1565 como o dia e ano em que Estácio de Sá fundou a cidade, buscando com isso "oficializar" as comemorações e derrubar as correntes que atribuíam ao ano de 1567 tal acontecimento.

Além da produção textual, foram realizadas, como parte das celebrações, cerimônias de inauguração de espaços e equipamentos públicos que posteriormente se tornaram importantes símbolos da cidade, tais como: o Museu da Imagem e do Som e o Aterro do Flamengo, um dos protagonistas das comemorações. O ano contou também com inúmeros eventos esportivos, e o IV Centenário foi tema obrigatório no desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro de 1965. De maneira geral, o IV Centenário foi celebrado em todas as instâncias que representavam o carioca: no samba, no futebol, na exaltação da beleza de sua natureza, de suas mulheres e costumes. Tudo foi massivamente divulgado buscando fixar os elementos considerados constitutivos da identidade e da história da cidade e de seus habitantes, enaltecendo sua natureza, sua arquitetura, o povo e seu passado como símbolo cultural da comemoração (NASCIMENTO, 2014). Com isso, este trabalho pretende estudar, por meio dos livros de história urbana do Rio de Janeiro publicados ou reeditados no contexto oficial das comemorações de 1965, o lugar do passado frente às aspirações de futuro e de transformações urbanas.

2. O RIO DE JANEIRO EM 1965

O processo de construção da identidade carioca por meio da sua história se

intensificou no ano de 1965. Perto de completar 400 anos, o Rio não podia mais atrelar sua grandeza exclusivamente ao título de capital do país (TURAZZI, 2014). Ações culturais, através da produção historiográfica de livros, educação escolar, poemas e jornais, buscaram trazer à memória aspectos do passado da cidade para engrandecê-la frente ao futuro. Conjuntamente a essas ações, obras urbanas foram executadas para o mesmo fim. A gestão de Carlos Lacerda organizou o aparato herdado do Distrito Federal dando-lhe ares de Estado, no que se chamou de estadualização da Guanabara. O apelido de Belacap, para fazer o contraponto ao de Novacap dado a Brasília, fora cunhado para dar identidade e autoestima aos cidadãos, colocando em evidência a idiosincrasia carioca. Os atributos físicos da Belacap, para além daqueles dados pela natureza, seriam garantidos pelo extensivo plano de obras de Lacerda. No âmbito do planejamento urbano, segundo Maurício de Abreu em seu livro "Evolução urbana do Rio de Janeiro" (1987), quando ocorre essa mudança da capital federal para Brasília, o núcleo urbano carioca passa a ser palco de grandes melhoramentos, principalmente em 1964. Essas grandes melhorias e inovações se concentraram quase que em sua totalidade na área metropolitana do Estado, o que contribuiu para maior estratificação social do espaço que, desde as reformas de Pereira Passos, entre outras que foram executadas na primeira metade do século XX na cidade, fizeram das favelas uma alternativa às moradias na periferia. A maioria das favelas nascidas no Rio de Janeiro no período de 1948-60 localizava-se em torno da Avenida Brasil, uma área destinada ao uso industrial que foi invadida para o uso residencial do favelado; isso fez com que na década de 1960 houvesse uma política de erradicação das favelas na zona central e sul da cidade. Em meio a essas questões e problemas urbanos, o governador do novo Estado buscava ao mesmo tempo investir na imagem do futuro e celebrar o passado.

Nesse contexto, em 1963, Lacerda criou a Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico da Guanabara com o objetivo de proteger os bens históricos e artísticos da cidade. A Divisão do Patrimônio era um dos órgãos estaduais de preservação,

pioneira no contexto nacional, criada antes da onda de órgãos estaduais promovida durante os anos 1960 e 1970. Presidida por um historiador vinculado ao IHGB, buscou preservar e celebrar diversos bens culturais ligados à história e historiografia da cidade (NASCIMENTO, 2017). Seguindo ainda a política de dar continuidade à imagem do Rio de Janeiro como vitrine da nação, Lacerda inaugurou em 03 de setembro de 1965, no antigo Pavilhão do Distrito Federal, construído para abrigar a Exposição de 1922 — marco civilizatório da cidade naquele ano — o Museu da Imagem e do Som (MIS). O IV Centenário do Rio de Janeiro buscava celebrar o "ser carioca", colocando a cidade e suas tradições na cena principal do período (NASCIMENTO, 2017). Relacionando memória, identidade e patrimônio, o MIS é a materialização de um projeto que buscou demarcar os limites simbólicos de uma nova identidade regional (MESQUITA, 2010). O Museu da Imagem e do Som, além de ser o primeiro museu deste tipo no Rio de Janeiro — trazendo consigo a imagem de modernidade e progresso, associada à tradição e significados da sua localidade — foi constituído para ser um local exclusivamente da memória local do carioca, tendo papel fundamental na constituição da identidade coletiva do Rio de Janeiro. Cláudia Mesquita define os museus como "espaços de produção cultural atrelados às esferas de poder", e o MIS como um "museu de fronteira", com o papel de "trincheira simbólica na afirmação da Guanabara como estado-capital" (2010, p.34); um demarcador da identidade local, da memória como estratégia política.

A memória foi utilizada como um ingrediente básico na configuração da identidade carioca nesse período, sendo a própria cidade considerada um lugar de memória por excelência (SANTOS, 2015). O passado, tão presente e evocado nas comemorações de 1965, constitui um quadro de construção da memória coletiva sobre a cidade. A história do Rio de Janeiro foi colocada em evidência, divulgada e unida ao que estava acontecendo naquele momento. Segundo Vicente Saul Moreira dos Santos: "os livros editados nos contextos comemorativos tentam mostrar através da história uma tradição, um passado na história local e pátria, atualizando os temas pertinentes ao

presente" (2015, p.138). As comemorações dos 400 anos do Rio de Janeiro buscaram no passado as bases para as celebrações do presente, um passado que justifica a grandeza do presente e que dá bases para o futuro. O Rio tenta misturar seu presente com seu passado, suas raízes com a modernidade implantada na cidade pelas ações de Carlos Lacerda, nos eventos, na modernização urbana, na opinião pública circulante, nos lugares de memória (MESQUITA, 2010). Isso pode ser aplicado não só à arquitetura, mas à produção urbanística, estética, literária e cultural da cidade. Tanto os textos quanto os componentes físicos da cidade foram rememorados de maneira que a celebração do IV Centenário fosse utilizada como uma forma de reerguer o Rio de Janeiro após a perda do seu título de capital federal. O Morro do Castelo e o Aterro do Flamengo apareceram como os principais símbolos do IV Centenário, unindo o Rio antigo com o moderno Estado de Guanabara (MOTTA, 2014).

A sociedade civil vivia e acompanhava as mudanças e as informações que corriam nesse arcabouço comemorativo. Atuando ativamente, ou apenas absorvendo o conteúdo produzido no IV Centenário, o carioca era afetado visual, urbanística e culturalmente por esse momento histórico; seus significados, influências e alcance podem ser captados por aquilo que essa sociedade produziu. Com isso, é possível perceber a junção da política com a cultura no universo das comemorações do IV Centenário (TURAZZI, 2014), sua articulação entre passado, presente e futuro; Belacape seu novo status de Estado-Capital (MOTTA, 2014). Houve um empenho por parte do Governo do Estado de Guanabara em engrandecer a cidade nas comemorações de seus 400 anos e construir essa memória coletiva, enquanto escreve uma nova, através da modernização e inserção de novos elementos em seu tecido urbano. Nomes e lugares com a marca do IV Centenário foram espalhados pela cidade deixando os traços das comemorações visíveis até hoje. É neste Rio de Janeiro em efervescência cultural e urbana que buscamos, através da produção incitada por tal celebração, entender a visão historiográfica que se construía e se difundia sobre a cidade no seu IV Centenário.

3. AS REPRESENTAÇÕES DA CIDADE

As cidades se expressam como um campo de significações, um artefato produzido além do material, mas também social e culturalmente (CASTRO, 2013); assim, para entender a construção da identidade e significações do Rio de Janeiro e o lugar dado ao passado nas comemorações do seu IV Centenário, foram utilizados livros de história urbana como fontes de pesquisa. Não compete a este artigo, devido à miríade de fontes, a análise de toda a literatura publicada em 1965 sobre a história da cidade do Rio de Janeiro em seus diferentes aspectos, por uma questão de tempo, escopo e qualidade de análise. Por isso, após a observação do material que estava disponível como documentação, optou-se como objeto principal da pesquisa a coleção "Rio 4 Séculos: Contribuição às comemorações do 4º Centenário de fundação da muito leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (1º de março, 1565-1965)", publicada em 1965 pela Livraria José Olympio Editora. A escolha dessa coleção adicionou um novo elemento à pesquisa que agora iria além da análise individual dos livros e buscaria a compreensão do todo que a coleção compunha, de suas relações, dos autores e dos títulos escolhidos. Os livros que integram a coleção "Rio 4 Séculos" e seus respectivos autores são os seguintes:

- CRULS, Gastão. **Aparência do Rio de Janeiro: notícia histórica e descritiva da cidade**. 3. ed. (vol. 01-02). Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1965;
- COARACY, Vivaldo. **Memórias da cidade do Rio de Janeiro**. 2. ed. (vol. 03). Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1965;
- COARACY, Vivaldo. **Paquetá: imagens de ontem e hoje**. 2. ed. (vol. 04). Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1965;
- BANDEIRA, Manuel Carneiro de Souza; ANDRADE, Carlos Drummond de. **Rio de Janeiro em Prosa e Verso**. (vol. 05). Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1965;
- COARACY, Vivaldo. **O Rio de Janeiro no século dezessete**. 2. ed. (vol. 06). Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1965.

Esse olhar "terceirizado" para a cidade através da produção textual, sem perder de vista o papel que ela exerce em primeiro plano, busca compreender além do tipo de história urbana que está sendo



COLEÇÃO

RIO 4 SÉCULOS

CONTRIBUIÇÃO ÀS COMEMORAÇÕES
DO 4.º CENTENÁRIO DE FUNDAÇÃO
DA

MUITO LEAL E HERÓICA CIDADE DE
SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO
1.º DE MARÇO—1565-1965

Volumes 1 e 2

GASTÃO CRULS

Aparência do Rio de Janeiro. (Notícia Histórica e Descritiva da Cidade). Prefácios de Gilberto Freyre e Carlos Lacerda.—*Louvação do Rio de Janeiro*, por Manuel Bandeira—*Canto do Rio em Sol*, de Carlos Drummond de Andrade.— 2 tomos profusamente ilustrados com desenhos de Carlos Julião, Debret, Chamberlain, Rugendas, Theremin, Frühbeck, Luís Jardim e outros; mapas e fotografias; e plantas coloridas do Rio de hoje por Eduardo Canabrava Barreiros. 3.ª edição, atualizada pelo Prof. Hélio Viana (da Universidade do Brasil). Em apêndice: *Constituição do Estado da Guanabara—Hino da Guanabara—Nominata*, organizada por Francisco de Assis Barbosa, contendo: relação dos antigos Governadores, Vice-Reis, Presidentes da Câmara e do Senado da Câmara; autoridades eclesiásticas; Ministros do Império e Presidentes da Ilustríssima Câmara; Prefeitos e Interventores, Presidentes do Conselho Municipal e da Câmara dos Vereadores; lista de personalidades cariocas: artistas, políticos, escritores; heróis cariocas, etc.—*Quadros Estatísticos.*

Volume 3

VIVALDO COARACY

Memórias da Cidade do Rio de Janeiro. 2.ª edição, revista e acrescida de novo capítulo ("A Baía da Guanabara"). Com dezenas de ilustrações: desenhos de Rugendas, Debret, Chamberlain, Frühbeck, Theremin, Steinman, Carlos Julião, Luís Jardim, G. Bloow, e outros artistas; mapas, fotografias e uma planta do Rio moderno (centro) por Eduardo Canabrava Barreiros. Prefácio de José Honório Rodrigues.

Volume 4

VIVALDO COARACY

Paquetá—Imagens de Ontem e de Hoje. 2.ª edição, revista e aumentada. Desenhos de Luís Jardim, e planta da Ilha. Prefácio de Rachel de Queiroz.

Volume 5

MANUEL BANDEIRA &
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Rio de Janeiro em Prosa & Verso—
Antologia-reportagem.

Volume 6

VIVALDO COARACY

O Rio de Janeiro no Século 17. Prefácio de Francisco de Assis Barbosa. 2.ª edição, revista e aumentada. Com mapas e fotografias.



Em cima: brasão supositício de 1565 da cidade do Rio de Janeiro (segundo desenho de J. Wash Rodrigues, in Clóvis Ribeiro, *Brasões e Bandeiras do Brasil*.) Embaixo: brasão de 1965 (segundo desenho oficial de Alberto Lima). (Desenhos de Luís Jardim, sem obediência às convenções heráldicas sobre cores.)

FIG. 1:

Apresentação da Coleção "Rio 4 séculos".

Fonte: COARACY, 1965. Créditos: Lilian Higa.

produzida e contada, como é retratada sua organização, quem são escolhidos como seus personagens, agentes e heróis. Não se trata aqui de uma tentativa de descobrir ou confirmar através de outros tipos de fontes os fatos e desdobramentos históricos da cidade do Rio de Janeiro, mas sim olhar para essa cidade como um vasto campo de possibilidades de interpretação e compreensão do urbano (CASTRO, 2013).

Dado o contexto em que a cidade do Rio de Janeiro, então Estado de Guanabara, estava inserida no momento do recorte temporal desta análise, e a documentação que será utilizada, é necessário entender sua estrutura, seus diferentes autores, além da maneira como sua história urbana é retratada e representada por essas fontes. Ter um panorama geral das obras, tomar contato com a sua estrutura, perceber como a editora montou a coleção, compreender se havia um diálogo entre os volumes, bem como de que maneira abordavam momentos e temas diferentes da história da cidade, são fundamentais para a formulação de questões investigativas. Tais questões buscam, com isso, construir, por meio da documentação avaliada, uma análise que compreenda a relação da sociedade civil com a construção de sentidos para o passado urbano e sua preservação.

4. COLEÇÃO "RIO 4 SÉCULOS"

A coleção "Rio 4 Séculos" (FIG. 1) forma um conjunto particularmente interessante e de conteúdo extremamente significativo. Ela propõe uma história abrangente sobre a cidade do Rio de Janeiro no conjunto de seus seis volumes, com temas peculiares que aproximam o leitor da história cotidiana de diferentes períodos e visões sobre o Rio de Janeiro. Outro fato particular é que nenhum dos quatro autores que formam a coleção — Gastão Cruls, Vivaldo Coaracy, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade — são historiadores de formação e profissão. Com exceção do livro "Rio de Janeiro em Prosa e Verso", cuja primeira edição foi lançada exclusivamente para a coleção, os outros títulos foram reedições. "Aparência do Rio de Janeiro" de Gastão Cruls, teve sua primeira edição lançada em 1949 e

a segunda em 1952; os livros de Vivaldo Coaracy, "Memórias da Cidade do Rio de Janeiro" (1. ed. 1955), "Paquetá, "Imagens de Ontem e Hoje" (1964) e "O Rio de Janeiro no Século Dezanove" (1944) tiveram uma segunda edição revisada e aumentada especialmente para a coleção.

Os livros seguem uma estrutura básica e comum em seu início antes de apresentar ao leitor seu conteúdo em si. Esse conjunto de laudas iniciais ocupa de 50 até quase 100 páginas do começo de cada volume, sendo composto pelos seguintes elementos: a reprodução de algum documento, relato ou livro de caráter histórico, que diz respeito a um momento da história da cidade do Rio de Janeiro; mapa de diferentes períodos indicando diferentes pontos e aspectos da cidade; a nota da editora; os poemas "Louvação do Rio de Janeiro", de Manuel Bandeira e "Canto do Rio em Sol", de Carlos Drummond de Andrade; nota do editor sobre o respectivo autor com alguns dados biográficos; uma introdução ou prefácio sempre escrito por nomes de grandes intelectuais da época; nota às edições anteriores (quando era o caso); planta do centro do Rio de Janeiro em 1964 com edifícios religiosos e públicos marcados como referência; e muitas fotografias, desenhos, gravuras, imagens de diversos períodos, edifícios, locais e heróis da cidade do Rio de Janeiro. Todos os livros trazem também em suas páginas inúmeros símbolos que remetem à história da cidade (FIG. 02), como desenhos do Pão de Açúcar; o símbolo do zodíaco de peixes — que condiz com a data na qual a cidade foi fundada; três flechas que simbolizam a arma que matou seu fundador, Estácio de Sá; a pedra de fundação da cidade, entre outros, sempre trazendo à memória algum aspecto histórico do Rio de Janeiro. Todo esse conjunto de representações e símbolos históricos, além das inúmeras imagens da cidade, não são encontrados nas edições anteriores dessas obras.

A análise individual das obras teve início pelo livro "Aparência do Rio de Janeiro: notícia histórica e descritiva da cidade", que constitui os dois primeiros volumes da coleção. Seu autor, Gastão Cruls, nascido no Rio de Janeiro, mais precisamente no Morro do Castelo, em 1888, faleceu em 1959, antes da publicação de seu livro como

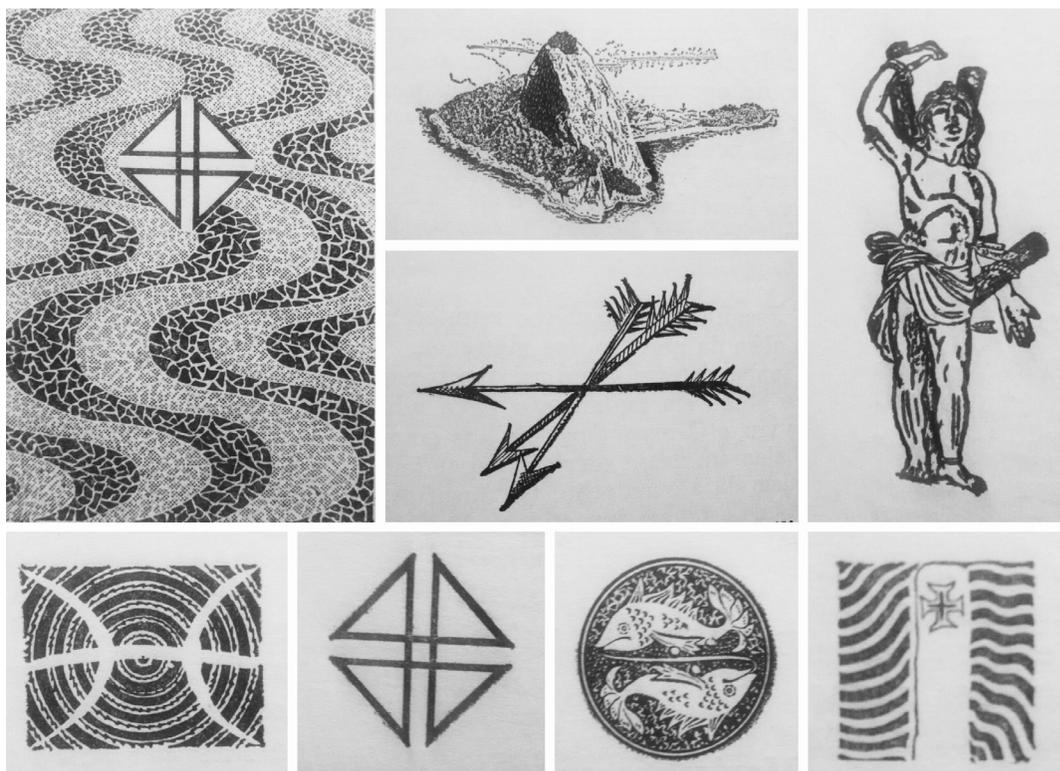


FIG. 2:

Símbolos referentes ao Rio de Janeiro, presentes nos livros.

Fonte: COARACY, 1965. CRULS, 1965. Créditos: Nathália Rye Fujii.

parte da coleção aqui analisada. Médico de formação, escritor de romances, Cruls abandonou a profissão de médico em 1921, passando a se dedicar à literatura, escrevendo contos baseados em temas científicos e de sua vivência em hospitais. Fundou a Editora Ariel em 1930 como reflexo de seu grande interesse pela literatura, mais precisamente por temáticas nacionais, o que repercutiu em seus livros. "Aparência do Rio de Janeiro: notícia histórica e descritiva da cidade", concorreu em 1947 ao Prêmio Vieira Fazenda, em homenagem ao centenário do historiador da cidade do Rio de Janeiro. O livro venceu como melhor trabalho inédito sobre a cidade, sendo publicado em 1949 pela Livraria José Olympio Editora compondo o 60º volume da "Coleção Documentos Brasileiros".

Assim como todos os outros livros que compõem a coleção, a edição do livro de Gastão Cruls é muito rica em imagens, desenhos e mapas sobre a cidade do Rio de Janeiro. São inúmeras fontes diferentes de épocas distintas; há desenhos do Rio colonial; fotografias contemporâneas

do povo da cidade, dos monumentos, do futebol, praias e do samba; ilustrações da imprensa carioca; a cidade do Rio de Janeiro aparece representada por gravuras de autores consagrados na historiografia, como Jean-Baptiste Debret e Johann Moritz Rugendas, e até charges de jornais, caricaturas que satirizam problemas da cidade e da população do Rio de Janeiro. Logo no início do primeiro volume encontramos três fragmentos de documentos: o primeiro data de 1553 e se trata de uma carta de Thomé de Sousa ao rei de Portugal recomendando a fundação da cidade do Rio de Janeiro; o segundo, de 1565, é a "Proclamação de 1 de março" anunciando a fundação da cidade e Estácio de Sá como seu primeiro governador; o último fragmento é um trecho do discurso de Carlos Lacerda de 31 de dezembro de 1964 anunciando o início das comemorações do IV Centenário da cidade do Rio de Janeiro, em que ele é apontado como o primeiro governador do Estado de Guanabara eleito pelo povo. Aqui já é possível ver essa relação com a história da

cidade: o discurso do primeiro governador da cidade junto com o discurso do primeiro governador do estado 400 anos depois, proclamando em ambos a grandeza que o Rio terá, sua força e memória inesquecível.

O primeiro volume da coleção, com 450 páginas, tem um recorte temporal bem definido: começa com o "Rio de ontem" (título dado pelo autor), contando acontecimentos ocorridos na cidade entre o século XVI e XIX. Em relação ao XVI e XVII, o autor começa pela formação do Rio de Janeiro, passando por pontos importantes da história de fundação da cidade, como o Morro do Castelo e a Sé, os conflitos pela salvaguarda do território e a importância da família Correia de Sá para a história do Rio. Na história do século XVIII o autor aborda principalmente as obras pelas quais a cidade do Rio de Janeiro passou e os conflitos que permearam a expansão da cidade, como a expulsão dos jesuítas, a construção de fortalezas para proteção do território, melhorias daquilo que foi edificado nos séculos anteriores e a construção de alguns edifícios públicos. O trecho dedicado ao século XIX tem início com a chegada da Corte portuguesa ao Rio de Janeiro e os novos serviços públicos e instituições que aportam na cidade junto com a família real. Nesse momento aparecem espaços de lazer na cidade, os bairros já começam a ser diferenciados entre residenciais e comerciais, a toponímia da cidade, suas ruas e praças são descritas.

O segundo volume inicia-se pela página 451, como continuação do primeiro, formando ao todo um livro de 1059 páginas. Ele começa com a representação de um mapa do Brasil, que aponta a distância em quilômetros que separam em linha reta o Rio de Janeiro de Brasília e das demais capitais dos estados brasileiros, além de uma fala de Milton Campos, então Ministro da Justiça e Negócios Interiores do Brasil, para o Diário de Notícias de 1965, chamando o Rio de Janeiro de "cidade amada dos brasileiros" (CRULS, 1965, p.VII). Ali aparece um Rio de Janeiro que não tem mais o título de capital federal, mas que, independentemente disso, sua carga histórica já o firmou como um grande centro do país, ou seja, um Rio que não possui mais o título, mas ainda assim preserva dentro de cada brasileiro sua história, memória e grandeza. Esse é o

tom do segundo volume, que ainda aborda em seu primeiro capítulo o século XIX, mas como conclusão do que estava no volume anterior. Estão retratados os costumes do carioca, a vida noturna da cidade, os bairros, festas e alguns dos aspectos que construíram sua identidade. O capítulo sobre o século XX, chamado de "Rio de hoje", relaciona o cotidiano do carioca e lugares da cidade, como: a Avenida Central; as praças; bairros como a Tijuca, Copacabana e Laranjeiras. O material e o natural que constituem a cidade "de hoje" são representados: as praias, montanhas, rios e o clima são descritos. Há muitas imagens de túneis, telégrafos e bondinhos. Conta-se da evolução do transporte na cidade, saneamento, políticas públicas e privadas que resultaram na modernização do Rio. O tom de Cruls nesse trecho é de uma história popular: o autor dá um panorama geral da cidade baseado no cotidiano do carioca, nas riquezas artísticas da cidade, nos aspectos religiosos e nos costumes, tudo o que faz parte desse universo de "ser carioca", sua idiossincrasia.

O terceiro volume da coleção, intitulado "Memórias da cidade do Rio de Janeiro", foi escrito por Vivaldo Coaracy, nascido no Rio de Janeiro em 1882. Coaracy começou sua vida profissional em 1900 na redação do jornal "Cidade do Rio", de José do Patrocínio. Nesse período se envolve nas questões da Revolta Armada e da Vacina como grande opositor ao governo, o que o faz mudar-se para o Rio Grande do Sul; lá se forma em Engenharia Mecânica-elétrica e logo em seguida muda-se para os Estados Unidos para se aperfeiçoar profissionalmente. Quando retorna ao Brasil, em 1913, torna-se professor da Escola de Engenharia do Rio Grande do Sul, mas desiste da profissão e se muda para São Paulo, onde retorna à imprensa trabalhando no jornal "O Estado de São Paulo". Coaracy foi um homem comprometido com a situação política do país e ativo na Revolução de 1932, o que o obriga a se exilar em Portugal, onde começa a se dedicar mais à escrita. Retornando novamente ao Brasil, retoma o trabalho no "O Estado de São Paulo" atuando como diretor, momento em que também colaborava com a imprensa do Rio de Janeiro. Em 1945, Vivaldo Coaracy se aposenta e se retira para a Ilha de

Paquetá, onde passa a escrever crônicas sobre a Ilha, das quais algumas fazem parte da coleção aqui analisada. Após sua primeira publicação em 1955, "Memórias do Rio de Janeiro" foi ampliado para a sua segunda edição, segundo Coaracy conta em nota, e adicionado à coleção a pedido de José Olympio. O autor faleceu na ilha carioca de Paquetá em 1967.

Antes de discorrer sobre a matéria de que tratou Coaracy em seu livro sobre o Rio de Janeiro, convém listar as informações iniciais que compõem o livro, o conteúdo carregado de símbolos históricos que prepara e direciona o leitor para a história que o autor irá apresentar. A carta de 1553 de Thomé de Sousa ao rei de Portugal exaltando a beleza do Rio de Janeiro e sugerindo a fundação da cidade nesse território é novamente reproduzida, seguida do texto do historiador José Honório Rodrigues, especialista em história do Brasil e membro da Academia Brasileira de Letras, "A historiografia memorialista e o Rio de Janeiro". O autor divide seu texto em dois pontos: no primeiro, intitulado "O destino político do Rio de Janeiro", o autor diz que, após a independência, havia o risco de um desmembramento do território brasileiro, e que foi no Rio de Janeiro, capital do país, que a luta por essa unidade nacional aconteceu; insinua com isso que o Rio é uma cidade "política" por essência, o local onde o Brasil aprendeu a ser um país independente, onde se tornou nação. Foi no seu território que as decisões passaram a ser tomadas quando essas deixaram de depender do que vinha de Portugal. O destino ali apareceu não apenas como o que há de vir, mas como algo ao qual a cidade estava predestinada, que viveu e ainda vive. No segundo momento, o autor entra na questão do que ele intitula de "Historiografia memorialista". José Honório Rodrigues critica a falta de historiografias brasileiras locais e o rigor acadêmico na produção historiográfica nacional, que afasta o interesse popular sobre a História. Isso é apresentado como uma introdução à fala do autor sobre Vivaldo Coaracy, que é elogiado por ser o oposto de suas críticas. Coaracy é descrito como o escritor de uma história local do Rio de Janeiro, que conta suas memórias (da cidade), o cotidiano do carioca, representando a união da pesquisa histórica com uma escrita fluída, sem o rigor

dos acadêmicos. José Honório Rodrigues dá crédito à história escrita por Coaracy, que não é um historiador de profissão.

Em seu livro, Coaracy disserta sobre as constantes mudanças das toponímias das ruas e praças do Rio de Janeiro, vendo isso como um desrespeito ao povo, história e tradição da cidade, sendo essa questão sua maior motivação à escrita do livro. Segundo ele, a obra é sua homenagem à cidade e não uma tentativa de escrever um livro de história, já que é cronista e não historiador. Justifica suas crônicas como recordações das atividades cotidianas e costumes da cidade. O livro é composto por dez capítulos distribuídos em 557 páginas. O título dos capítulos, indicando os locais e temas que serão abordados, são os seguintes: "A Praça Quinze"; "O Rossio"; "Largo da Carioca"; "A Praça da República"; "Velhas Ermidas"; "Igrejas Antigas"; "As procissões"; "Os escravos"; "A Baía de Guanabara" e "Rol de ruas". As imagens que compõem esse livro, diferentemente dos dois primeiros volumes de Cruls — que contém muitas imagens do "Rio de hoje" —, representam momentos mais pretéritos da história da cidade: desenhos sobre as antigas praças, igrejas e relíquias religiosas em sua maioria. Não cabe aqui entrar detalhadamente no conteúdo de cada capítulo, mas sim entender de forma geral as fontes utilizadas pelo autor, os locais, temas que ele aborda e seus personagens, para a partir disso tentar compreender a representação da cidade do Rio de Janeiro dentro deste conjunto.

Vivaldo Coaracy adota a mesma linha de raciocínio em todos os capítulos do livro. Quando conta as memórias dos locais físicos da cidade, o autor começa explicando como era aquele lugar antes de ser povoado. Geralmente essas informações, ao que parece pela forma como Coaracy conta essa memória, foram retiradas de atas da Câmara da cidade, que indicam a posse das terras, pedidos de ocupação e inúmeras questões referentes ao local e seu entorno. Outra fonte são os documentos das Ordens Religiosas do Rio de Janeiro e mapas de diferentes períodos, assim como relatos de viajantes, pinturas e fotografias da cidade. Vivaldo Coaracy também utiliza livros sobre a história do Rio de Janeiro e do Brasil. Esses documentos de diferentes épocas são comparados por Coaracy, que identifica as mudanças físicas

ao longo do tempo e com isso conta os diferentes nomes que o mesmo local teve e o porquê, bem como quais atividades a população exercia lá; cria-se, dessa forma, uma relação entre aquele espaço específico, a população e a cidade como um todo, já que, a partir desse ponto, associações com outros acontecimentos do Rio de Janeiro e do Brasil são feitas. Nesse processo de explicação das memórias de cada lugar, Coaracy relata os problemas urbanos e políticos que a cidade do Rio de Janeiro passa desde a fundação desses locais (entre o século XVI e XVII) até os dias em que ele escreve (1ª edição de 1955); a maior parte das histórias por ele descritas, no entanto, se concentra no século XIX. A maneira como Coaracy narra essas memórias, seguindo uma ordem cronológica com algumas digressões para o presente, possibilita ao leitor, se conhecedor da cidade do Rio de Janeiro, criar em seu imaginário os caminhos descritos e identificar essas mudanças no tecido urbano da cidade.

Outro componente da memória da cidade para Coaracy são as ordens religiosas que aparecem como personagens recorrentes em todos os capítulos da sua obra, tanto no que diz respeito à evolução urbana do Rio de Janeiro, quanto no contexto social, apresentando o carioca como muito devoto desde a fundação da cidade; desta forma, colocam-se as procissões e festas religiosas como algo que vai além do caráter religioso, mas se conformando também em um agente de caráter social. Além disso, as igrejas, segundo Vivaldo Coaracy, são parte significativa da riqueza artística do Rio de Janeiro. A escravidão também aparece como um componente da memória da cidade, abordando desde a servidão dos índios até a do negro africano. Desta forma, o autor comenta a relação de diferentes camadas da sociedade carioca com os escravizados, utilizando basicamente as mesmas fontes citadas antes; Coaracy monta, com isso, um quadro através do qual é capaz de explorar diferentes funções que os escravizados exerciam dentro da cidade e, assim, apresentar o tema inserido no cotidiano do Rio de Janeiro.

O quarto volume da coleção "Rio 4 Séculos" também foi escrito por Vivaldo

Coaracy. O livro "Paquetá: imagens de ontem e de hoje" teve sua primeira edição em 1964, e a segunda, com acréscimos de imagens e crônicas, foi publicada em 1965 como parte da coleção aqui analisada. O livro de 266 páginas traz crônicas sobre a Ilha de Paquetá, local onde o autor foi morar após sua aposentadoria em 1945. O prefácio do livro foi escrito por Rachel de Queiroz, importante dramaturga brasileira e primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras. Queiroz descreve Vivaldo Coaracy como personalidade ilustre da Ilha e reforça a importância do conhecimento da história de Paquetá como parte da história do Rio de Janeiro. A autora ainda exalta a natureza da Ilha e acentua que, embora nela não haja abundância arquitetônica como testemunho do passado, existe esse livro para tornar Paquetá conhecida e lembrada. O livro ainda conta com a reprodução de um mapa da Baía de Guanabara localizando a ilha geograficamente; o Hino de São Roque, padroeiro da ilha; e um trecho do livro "Brasil, país do futuro", do escritor judeu Stefan Zweig, que se exilou no Brasil durante o nazismo. No trecho reproduzido, Zweig descreve Paquetá como um paraíso e a compara com outras ilhas ao redor do mundo. Há também, por fim, a partitura da música "Luar de Paquetá", que foi adotada em 1964 como hino oficial da ilha. Nessa parte, antes mesmo do início das crônicas, já é possível identificar os elementos simbólicos do livro que buscam produzir memória e identificação da ilha com a cidade do Rio de Janeiro.

O livro contém três capítulos. No primeiro, denominado "Introdução e Generalidades", o autor conta como surgiu o nome da ilha e apresenta seus aspectos geográficos, população, um pouco da rotina dos moradores de Paquetá e sua economia, descrita como dependente do Rio de Janeiro. O segundo capítulo do livro, "Apontamentos Históricos", conta a história da ilha. Coaracy fala de sua fundação, da primeira igreja lá fundada, como o serviço público e o transporte chegaram à Paquetá, o papel da ilha durante a Revolta Armada de 1893, entre outros. O autor cita dois elementos principais na materialidade e história da ilha: são eles o "Solar del Rei", onde o príncipe regente ficou hospedado, e a

"Casa do Patriarca", onde morou José Bonifácio depois de seu exílio. Ambos são edifícios tombados de Paquetá e apontados como motivo de orgulho da Ilha. Esse capítulo é escrito tendo como base documentos do Arquivo Nacional, que, ao tratarem da cidade do Rio de Janeiro, citam a Ilha em alguns momentos, e fontes orais, com depoimentos colhidos de antigos moradores da Ilha por Coaracy. Neste capítulo o autor associa, o tempo todo, a história da Ilha com a história da cidade do Rio de Janeiro, usando aspectos da Ilha para contar acontecimentos no Rio e vice-versa. Mas não deixa também de falar do presente e dos problemas pelos quais Paquetá passava, como as demandas urbanas por serviço público e transporte. O terceiro e último capítulo, "Impressões da Ilha", é composto por 30 crônicas escritas por Vivaldo Coaracy, nas quais o autor conta acontecimentos de seu cotidiano como morador da ilha, sempre os associando com a natureza e a vida pacata em Paquetá, o viver na ilha com um retiro. Coaracy utiliza frequentemente a expressão "pitoresca" para se referir à ilha e seus personagens, e aborda pontos bem particulares de Paquetá, fazendo poucas associações com a cidade do Rio de Janeiro neste capítulo da narrativa.

"Rio de Janeiro em prosa e verso", organizado por Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira em 1965, é o quinto volume da coleção "Rio 4 Séculos". Diferentemente dos outros volumes, esse livro é uma coletânea de documentos e textos escritos em momentos e por autores diversos sobre o Rio de Janeiro. Os autores definem a obra como uma antologia-reportagem de tudo o que foi escrito em forma de prosa ou poesia sobre a vida cidadina e a paisagem carioca. Manuel Bandeira, escritor modernista e membro da Academia Brasileira de Letras, nasceu em Recife em 1886 e morreu no Rio de Janeiro em 1968. Carlos Drummond de Andrade, outro escritor modernista brasileiro, nasceu em 1902 no Estado de Minas Gerais e morreu em 1987 também no Rio de Janeiro. Ambos os escritores, amigos próximos de José Olympio, são apresentados como cariocas por adoção, acolhidos pela cidade, intelectuais que se desenvolveram na cidade e, no momento em que organizam o livro, já são

considerados dois escritores consagrados no país. Na introdução escrita por eles, justificam a obra como uma contribuição para a cultura brasileira de forma geral, expondo um conjunto de textos que consideram consagrados nacionalmente, montando, assim, um quadro com diferentes visões do carioca sobre temas da natureza moral (comportamento do "ser carioca") e da natureza física (fauna, flora, urbanização do Rio de Janeiro).

Estruturalmente, o livro contém 566 páginas e traz em seu início os mesmos itens dos outros volumes, com o acréscimo da letra da marchinha "Cidade Maravilhosa", batizada como o hino do Estado de Guanabara, em português, inglês e espanhol. O livro ainda conta com um trecho da Carta Imperial de 09 de setembro de 1823, em que o Imperador D. Pedro I concede ao Rio de Janeiro o título perpétuo de cidade "muito leal e heroica" (BANDEIRA; DRUMMOND, 1965, p.xxv), e a partitura do samba "Pelo Telephone", primeiro samba impresso no Brasil, compondo novamente símbolos de identidade carioca. O livro em si conta com poemas, crônicas, relatos de viajantes e reportagens sobre a cidade do Rio de Janeiro. Segundo os próprios organizadores, o conteúdo da obra foi pesquisado na Biblioteca Nacional, Biblioteca da Academia Brasileira de Letras e em conventos da cidade. Os textos são divididos por temas, configurando um total de 50 assuntos relacionados à cidade e/ou seus habitantes, começando pela fundação da cidade e passando por diversas temáticas que dizem respeito à formação do Rio de Janeiro, sua natureza e população, favelas, o temperamento do carioca, a mulher carioca, igrejas, paisagens, música, evocações nostálgicas, até chegar ao IV Centenário. Grande parte dos textos descreve a paisagem do Rio de Janeiro e a compara principalmente com a Europa. Há também a citação recorrente de pontos específicos da cidade, como o Corcovado, o Pão de Açúcar e a Tijuca. Além disso, o tom de nostalgia está presente na maior parte dos textos: os autores descrevem a cidade no passado tanto física quanto cotidianamente e como isso se perdeu com a modernidade, como o Rio não é mais como antes, passando a imagem de um passado melhor do que o presente. Trata-se de uma visão muito particular da cidade,

onde cada autor retrata sua vivência, suas memórias, mas que, em conjunto, forma um quadro que abrange a cidade e o cidadão de forma plural, produzindo inúmeros símbolos de identidade.

Por fim, o último volume da coleção, intitulado "O Rio de Janeiro no século xvii", foi escrito em 1944 por Vivaldo Coaracy, autor de três dos cinco livros do conjunto. A segunda edição do livro foi feita exclusivamente para a série "Rio 4 Séculos", conforme mencionado anteriormente. No início do livro aparece o relato do Padre Fernão Cardim, em missão jesuítica no ano de 1590, que descreve a paisagem do Rio de Janeiro como a mais aprazível de todo o Brasil, comparando-a à paisagem portuguesa. O historiador Francisco de Assis Barbosa, também membro da Academia Brasileira de Letras, escreve a introdução "O velho e a Ilha" para o livro de Coaracy, na qual fala da vida do autor. Barbosa conta como o engenheiro virou jornalista e "historiador", conta de sua militância política e pontua José do Patrocínio como grande influência na vida de Vivaldo Coaracy, comparando-o, no fim, com José Bonifácio, por ambos terem se refugiado na Ilha de Paquetá. Ao falar do conteúdo do volume em si, diz que Coaracy escreveu seu livro a partir da análise de documentos do Arquivo Nacional, e justifica a escolha do século xvii como objeto de estudo pelo fato de, segundo ele, ter sido nesse período que o Rio de Janeiro consolida sua vida urbana, dando base para o crescimento da cidade no século xviii com a descoberta das Minas, e o deslocamento do eixo econômico e político da colônia para a cidade; em suma, um século que formou o espírito cívico do povo carioca.

O século xvii da cidade é contado em 266 páginas, abordando ano por ano, nas quais o autor relata fatos pontuais que aconteceram em cada um. Iniciando em 1602 com o primeiro governo de Martim de Sá e terminando em 1700 com a exploração das Minas e dos escravos africanos, o livro conta quando as ordens religiosas chegaram na cidade e como se instalaram; os conflitos destas com o povo e com a Câmara; a troca de governos; a busca por proteção contra os invasores e o descaso da Coroa com as questões públicas e urbanas da população. Coaracy relata uma cidade que estava se configurando, criando suas

dinâmicas e delimitando sua economia. É possível perceber como se davam as relações políticas, religiosas e sociais e como essas dimensões relacionavam-se uma com a outra. Isso permite enxergar os agentes que atuavam no tecido urbano do Rio de Janeiro enquanto a cidade se expandia e se modificava nesses 100 anos, mesmo com as burocracias impostas pela Metrôpole, que não investia na cidade, mas que, ao mesmo tempo, queria garantir seu domínio. Além das fontes do Arquivo Nacional, é possível perceber o uso de livros de história como auxiliares na análise desses documentos por Coaracy, que estabelece ao longo do livro várias ligações entre a história do Rio de Janeiro e a história do Brasil. A família Correia de Sá e as ordens religiosas são personagens recorrentes nessa história do Rio de Janeiro do século xvii contada por Coaracy. O autor os coloca como atores ativos tanto na cidade quanto em suas modificações, ao mesmo tempo em que expõe os conflitos nos quais estavam inseridos; tais conflitos foram, muitas vezes, tiveram como motivação favorecimento próprio, indo contra a vontade da população local.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A coleção "Rio 4 Séculos: Contribuição às comemorações do 4º Centenário de fundação da muito leal e heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (1º de março, 1565-1965)" traz em seu subtítulo marcas históricas da cidade do Rio de Janeiro. O título perpétuo de cidade "muito leal e heróica", concedido pelo Imperador D. Pedro I em 1823, foi rememorado logo no nome da coleção. Indo além do adjetivo, pode ser entendido como parte da identidade e da memória que constituem a essência da cidade do Rio de Janeiro. Essa produção historiográfica, publicada em razão das celebrações dos 400 anos da cidade, como uma forma de contribuição às comemorações, é marca dessa busca pela reafirmação e redefinição da identidade do Rio através de símbolos e da representação de seu passado. As tradições passadas foram ressignificadas na intenção de dialogar com o presente carioca. Um exemplo retirado da historiografia analisada está na fundação da cidade

do Rio de Janeiro por Estácio de Sá: essa história está representada em todos os livros da coleção, por meio da historiografia e de símbolos que remetem a esse acontecimento. Sua luta pela conquista do território e sua morte por flechadas em combate criaram um herói e uma cidade, que se firmou com base na luta pela preservação e proteção do seu espaço. A coleção sobrepõe esse episódio 400 anos depois com o discurso de Carlos Lacerda: o Rio de Janeiro continuava lutando por esse espaço, não mais contra índios ou estrangeiros, mas para demonstrar que a perda de sua capitalidade não significou perda de sua grandeza; ao contrário, a cidade continuava crescendo e permanecia como palco de importantes decisões, sendo exemplo e vitrine de toda uma nação. Esse jogo do passado com o presente é visto também nas lembranças das histórias dos lugares da cidade, onde o passado é explicado com base no presente. As formas das ruas citadas em séculos anteriores são referenciadas na cidade do presente, criando no imaginário do leitor que conhece a cidade imagens que relacionam passado e presente; com isso, o leitor consegue identificar aquele passado e criar sua própria identificação com a memória representada e a cidade de hoje, em um jogo de imagem e representação, resultando na relação dos sentidos do passado urbano com a sociedade civil. A história do cotidiano do carioca, da materialidade e dos locais da cidade, que dão tom à essa historiografia, não analisa estruturas sociais e econômicas, mas coloca os fatos em um plano de fácil assimilação. As descrições sobre a cidade encontradas nos seis livros analisados, representando o carioca e o Rio de Janeiro em diferentes aspectos que definem sua cultura, costumes, natureza, vícios e virtudes, não são uma tentativa de esgotamento dessa cidade, mas, ao contrário, atribuição de possibilidades ao Rio de Janeiro que aparece representado em sua diversidade e pluralidade. Isso não ocorre apenas na esfera urbana: a natureza é igualmente citada diversas vezes, seja em poemas, crônicas e/ou relatos de viajantes de diferentes temporalidades. O Corcovado, o Pão de Açúcar e as praias da cidade são exaltados e comparados com outros lugares do mundo em diversas

passagens dos livros, mostrando como a cidade ainda preserva sua beleza natural.

Outro ponto é o discurso nostálgico sobre a cidade antiga frente à modernização do presente que aparece nos textos. Esse discurso não parece dialogar com o tom da modernidade retratada de forma positiva e progressista nas fotografias da cidade espalhadas pelos livros, lembrando que essas imagens não faziam parte de suas primeiras edições. Enquanto nos textos os autores relembram o Rio de Janeiro do seu tempo com saudades, as imagens pregam a cidade que cresce e se moderniza, melhorando cada vez mais. O contraste das fontes pode ser um exemplo de como o processo de urbanização acelerada está sendo sentido na cidade, como o carioca lida com essa paisagem em constante modificação, seja por meio de iniciativas do Governo ou como reflexos destas.

Por fim, esse trabalho de investigação e compreensão da historiografia apresentada no conjunto "Rio 4 Séculos" ainda está em processo, mais da história da cidade do Rio de Janeiro ainda está sendo pesquisado, assim como os próprios livros usados como documentação podem ter análises mais aprofundadas. A coleção é composta por fontes diversas que, mesmo se repetindo em alguns livros, são apresentadas de formas diferentes e com objetivos diferentes, que exigem análises e metodologias díspares na busca por compreender para onde o autor estava olhando e o que ele queria colocar em evidência. No que compete à metodologia, essa diversidade que enriquece as fontes também se configura em certa dificuldade na organização e relação das informações e percepções, sendo exemplo de como a cidade é plural não só em sua materialidade, mas também em suas camadas representativas, seus símbolos e memórias.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Instituto de Planejamento Municipal, 1987.
- BANDEIRA, Manuel Carneiro de Souza; ANDRADE, Carlos Drummond de. *Rio de Janeiro em Prosa e Verso*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1965.
- BUENO, Beatriz P. S. Dossiê Caminhos da história da urbanização do Brasil-colônia. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 11-40, 2012.
- CASTRO, Ana Claudia Veiga de. *Um americano na*

metrópole [latinoamericana], Richard Morse e a história cultural urbana de São Paulo, 1947-1970. 2013. Tese (Doutorado) — Área de Concentração: História e Fundamentos de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

COARACY, Vivaldo. **Memórias da cidade do Rio de Janeiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1965.

_____. **Paquetá**, imagens de ontem e hoje. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1965.

_____. **O Rio de Janeiro no século dezessete**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1965.

_____. **O Rio através dos séculos** — a história da cidade em seu IV Centenário. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965.

CRULS, Gastão. **Aparência do Rio de Janeiro**. 3. ed. vol. 01 - 02. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1965.

CRUZ, Lyon. **A conformação do discurso: imprensa e políticas de preservação na área central do Rio de Janeiro, anos 1960 a 1970**. 2016. Iniciação Científica — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. Orientadora: Flávia Brito do Nascimento.

ENDERS, Armelle. **A História do Rio de Janeiro**. Tradução: Joana Angélica d'Ávila Melo. 3. ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 2015.

FERREIRA, Jorge (org.). **O Rio de Janeiro nos jornais: ideologias, culturas políticas e conflitos sociais (1946-1964)**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

FREIRE, Américo; LIPPI, Lúcia Oliveira (Orgs.). **Capítulos da memória do urbanismo carioca**. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Morfologia das cidades brasileira: Introdução ao estudo histórico da iconografia urbana. **Revista USP**, São Paulo, p. 144-155, 1996.

MESQUITA, Cláudia. **Um museu para a Guanabara** — Carlos Lacerda e a criação do Museu da Imagem e do Som (1960-1965). Rio de Janeiro: Folha Seca, 2010.

MOTTA, Marly. **Rio, cidade-capital**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2014.

_____. **Saudades da Guanabara**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

NAPOLITANO, Marcos. A imprensa e a construção da memória do regime militar brasileiro (1965-1985). **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 346-366, 2017.

NASCIMENTO, Flávia Brito do. A construção do Rio Antigo: projetos urbanos e políticas de preservação na área central do Rio de Janeiro nas décadas de 1960 e 1970. Texto apresentado no Colóquio **O Rio de Janeiro e seu desenvolvimento urbano: o papel do setor municipal de urbanismo**. Rio de Janeiro: 03 e 04 de mai. de 2017.

_____. **Construindo o Rio Antigo: memória, patrimônio cultural e participação social na área central do Rio de Janeiro, 1962-1992**. Projeto de Pesquisa. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo: mimeo, 2014.

_____. Olhar a rua: Cotidiano, fotografia e preservação do Centro do Rio nos anos 1980. In: MAUAD, Ana Maria (org.). **Fotograficamente, Rio a cidade e seus temas**. Niterói, RJ: PPG História — LABHOI — UFF/FAPERJ, 2006. p. 178-196. Disponível em: <www.labhoi.uff.br/fotograficamente-rio>.

_____. A restauração do Conjunto Residencial do Pedregulho: trajetória da arquitetura moderna e o desafio contemporâneo. **Revista CPC (USP)**, v. 22 esp., p. 138-175, 2017.

SANTOS, Vicente Saul Moreira dos. A cidade do Rio de Janeiro no IV Centenário em algumas páginas literárias. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 132-143, jan./jun. 2015.

TURAZZI, Maria Inês (org.). **Rio 400+50: Comemorações e percursos de uma cidade**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.

VIEIRA, Marina de Mello. **Usos Culturais e Patrimônio Cultural: equipamentos culturais como política de preservação ao patrimônio no Centro do Rio de Janeiro (1980-2016)**. 2016. Iniciação Científica — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Orientadora: Flávia Brito do Nascimento.

VIVOLO, Vitor da Matta. **Gastão Cruls e a auscultação da sociedade brasileira**. 2017. Dissertação (Mestrado) — Programa de Estudos Pós-Graduados de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

SOBRE A AUTORA

Aluna de graduação em História pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, bolsista na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo com projeto de Iniciação Científica pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

brenda.regina.leite@usp.br